

UFRGS – FACED – CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – 2013/2

Sabrina Krohm Nunes Duarte da Silva¹

PRÁTICAS CULTURAIS E SOCIAIS QUE FAZEM A MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

RESUMO:

O presente texto busca colocar em evidência a complexidade do processo de alfabetização e letramento, analisando o contexto social e cultural. A pesquisa apresenta um estudo de caso qualitativo, de um aluno de sete anos, que está cursando o 1ª ano do ensino fundamental, em uma escola municipal da região metropolitana de Porto Alegre, que vem vivenciando seu processo de alfabetização e letramento de forma positiva, apesar de estar inserido em um contexto bastante adverso e pouco favorável a aprendizagem. Como forma de obtenção dos dados foram realizadas entrevistas com o aluno, sua família, professora e observações do seu cotidiano. Inspirada na obra de Lahire (1997) e seu conceito de rede de interdependência, busco compreender as divergências e consonâncias entre a estrutura familiar do menino e o universo escolar em que está inserido. Dentre os achados merece destaque alguns recursos internos, próprios do menino, como seu nível de interesse, participação e motivação dedicados à escola, associados a ordem moral doméstica (ordem material, afetiva e moral de sua família) e o contexto escolar favorável que vivência, levando o aluno a compreender o sistema de escrita alfabético, no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. Fica evidente neste estudo a necessidade de um olhar cuidadoso sobre cada aluno, um olhar em rede que nos permita considerar a teia de relações que cada indivíduo estabelece ao longo de seu processo de compreensão do sistema da língua escrita.

Palavras-chave: Alfabetização; Práticas culturais; rede de interdependência.

¹ Pós-graduanda do Curso de Especialização em Alfabetização e Letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental da Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof. Dra. Luciana Vellinho Corso

INTRODUÇÃO

Neste artigo me proponho a discutir, refletir e analisar, as práticas sociais e culturais que fazem a mediação no processo de alfabetização e letramento. Inicialmente saliento a complexidade deste tema, que abrange um período da escolarização muito singular, visto que a apropriação do sistema da língua escrita está atrelada a diversos fatores, que constituem a formação do indivíduo, seu contexto social e cultural e a realidade em que o educando está inserido. Do mesmo modo, precisam ser levadas em conta as diversas relações que ele estabelece dentro da escola, sua forma de valorização, respeito, aceitação ou rejeição das práticas escolares. Partindo de tal análise, busco investigar como as relações sociais e culturais intercedem junto ao processo de aquisição da leitura e da escrita, a fim de que se possa compreender de que modo tais ligações podem intervir no sucesso escolar ou ausência dele, durante o processo de alfabetização e letramento.

Devido à singularidade do processo de alfabetização e letramento é necessário que o sujeito esteja hábil cognitivamente e emocionalmente. Como nos ensina Soares (1998, p.48), o letramento envolve dois eventos muito diversos, a leitura e a escrita, ambos os processos são muito complexos, pois mobilizam, determinam e ativam inúmeras “habilidades, comportamentos e conhecimentos”. Da mesma forma, para o docente o processo de alfabetização e letramento também é multifacetado, consiste em um grande desafio para o “professor alfabetizador”, oferecer práticas de leitura e escrita significativas, trabalhar com grupos heterogêneos e com conhecimentos diversos. Para tanto é fundamental que o professor analise, através de estudos e investigação, qual a melhor forma de auxiliar seu aluno.

Como Gomes e Sena (2006, p.9) destacam: é possível observar situações em que o aluno é antecipadamente rotulado como incapaz, seja por suas limitações, deficiências, condição social, condutas disciplinares ou higiênicas. Essa forma de diferenciação entre os “bons” dos “maus” alunos é muitas vezes adotada pela sociedade em que o sujeito está inserido. Portanto, é necessário que o seu percurso escolar, familiar e social, seja considerado tanto pelos docentes como por todos de seu convívio, pois não há apenas uma forma de olhar sobre o aluno, à medida que ele é

constituído por diferentes relações sociais e culturais e, a partir delas, se estabelecerá como sujeito.

Buscando compreender como essas relações sociais e culturais podem intervir no sucesso escolar ou ausência dele, durante a aquisição da leitura e da escrita, irei apresentar um estudo de caso de um menino de sete anos chamado Lucas, que está cursando o 1ª ano do ensino fundamental, em uma escola municipal da região metropolitana de Porto alegre. Como forma de obtenção dos dados foram realizadas entrevistas com o aluno, sua família e professora, assim como registros e observações do cotidiano escolar.

Lucas é um aluno que vem vivenciando seu processo de alfabetização e letramento de forma positiva, está inserido em um contexto sócio - econômico e cultural pouco favorável à aprendizagem, mas vem exercendo práticas de leitura e escrita com competência e autonomia. Com base nesta breve caracterização me disponho a evidenciar a complexidade das relações sociais e culturais em que Lucas está inserido, analisando como essas práticas ocorrem em meio ao processo de alfabetização.

CONTEXTUALIZANDO AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA

Primeiramente para orientar esta pesquisa, apresento alguns conceitos de alfabetização e letramento. Ambos são de vital importância para o desenvolvimento das práticas de letramento e estão ligados diretamente ao contexto social e cultural que cada indivíduo está inserido, como veremos posteriormente.

Diversos estudos apontam as particularidades sobre o uso dos termos “alfabetização” e “letramento”, estes relatam semelhanças e incompatibilidades entre os termos, muitos autores propõe-se a analisar tais terminologias buscando sua origem, significados e contextualizações. De acordo com Soares (1998) os termos alfabetização e letramento, podem ser caracterizados da seguinte forma. Primeiramente, entende-se por **alfabetização** “a ação de ensinar/aprender a ler e escrever” condição de apropriar-se da leitura e da escrita. Por conseguinte, **letramento** é um termo mais abrangente que destina-se ao “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.”

Percebo em minha prática como professora alfabetizadora, as duas expressões, com dependência uma da outra, uma vez que entendo ser de suma importância alfabetizar “letrando”, isto é propiciar ao aluno experiências reais de uso da leitura e da escrita. De igual modo para que o letramento ocorra de forma efetiva, o sujeito precisa tornar-se alfabetizado. Ou seja, as expressões podem não ter exatamente o mesmo significado, como Soares nos afirmou anteriormente, entretanto para que o sujeito se aproprie verdadeiramente das práticas de leitura e escrita é imprescindível que a alfabetização esteja diretamente ligada ao letramento. Como Paulo Freire (2001) afirmou, aprender a ler e a escrever é assimilar o universo, entender o seu âmbito numa correspondência ágil entre a linguagem e a realidade de ser alfabetizado, é mostrar-se apto a empregar a leitura e a escrita tomando conhecimento da realidade e de como é possível modificá-la. Seguindo essa linha de pensamento me embaso na seguinte definição de Angela Kleiman (2005, p.11) “O letramento não é alfabetização, mas a inclui! Em outras palavras, letramento e alfabetização estão associados”.

Analisando as expressões alfabetização e letramento, destaco também alguns autores muito requisitados neste âmbito, dentre os quais estabelecem expressões variadas para representar práticas alfabetizadoras. Ferreiro (1992), já demonstrava favoritismo ao uso do termo “cultura escrita” alegando que o convívio com essa cultura suscitaria o processo de alfabetização, uma vez que o sujeito já nasce inserido em ambientes sociáveis em que a língua escrita é elaborada e interpretada. Portanto Ferreiro nos remete ao uso social e cultural da língua escrita, considerando a realidade em que o sujeito esta inserido, e a partir desta promover práticas alfabetizadoras.

Utilizando o termo **letramento** Soares (1998, p. 72) mencionou o “ambiente social” como cenário para as práticas de letramento. Caracterizando o termo letramento como o agrupamento de práticas sociais conectadas à leitura e a escrita em que os sujeitos participam no seu ambiente social. Visto que a alfabetização está diretamente ligada à realidade cultural e social em que o aluno vive. Ambos os autores declaram a importância de um processo de alfabetização mais amplo que englobe a realidade do aluno, seu cotidiano e suas práticas sociais.

Dentre o processo de alfabetização e letramento percebo alunos, que rapidamente despertam para o mundo letrado, talvez por suas experiências com o

letramento, organização familiar, entre muitos outros fatores que veremos posteriormente, mas também percebo alunos que pouco compreendem o sistema alfabético. Como diz um livro infantil da escritora Ruth Rocha (1986) eles precisam “Aprender a ver”, e para visualizar e perceber este mundo letrado é necessário partir de sua realidade, contextualizando letras, palavras e símbolos que já fazem parte de seu universo, como identificação de produtos pelos rótulos, placas e sinais informativos, brinquedos e personagens que fazem parte de seu universo. Este letramento ao qual as crianças já estão inseridas abre um leque de possibilidades para compreensão da língua escrita.

Compreendendo as particularidades que envolvem o termo letramento, seus diferentes usos e contextualizações, procuro neste estudo tecer as diferentes relações que cada sujeito estabelece, durante a aquisição da leitura e da escrita, nas mais diversas práticas do seu cotidiano, seja no ambiente familiar ou social, ele estará construindo relações de letramento, à medida que os eventos do letramento estão diretamente ligados as práticas sociais e culturais de cada cotidiano.

TECENDO RELAÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA

Analisando as relações sociais e culturais em meio ao letramento, me embaso nos estudos do sociólogo Bernard Lahire, autor do livro “Sucesso Escolar nos Meios Populares” as razões do improvável, buscando compreender a singularidade de alguns sujeitos, inseridos em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos. O autor descreve diferentes perfis familiares de alguns educandos, em contextos muito particulares, tecendo relações entre suas práticas sociais, culturais e o uso da leitura e escrita.

Trago brevemente algumas definições do autor para elucidar, a teia de interdependência que será estabelecida ao longo deste artigo. De acordo Lahire (1997, p.19), as relações familiares e escolares são compreendidas como “**rede de interdependências**” compostas por compatibilidades, convivências, associações, dependências e familiaridades muito particulares. Segundo o sociólogo, o êxito ou insucesso escolar podem ser considerados como consequência de uma contraposição de maior ou menor relevância, dependendo de como é constituído o vínculo de relações sociais de uma “**rede de interdependências**” a outra.

Uma vez que o processo escolar e social ocorre de forma complexa e gradativa, busca-se, analisar o ambiente escolar e familiar, investigando como as práticas de leitura e de escrita se manifestam nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas, procurando revelar o que está encoberto na fala, reconstruindo a “rede de interdependências familiares” pela qual o sujeito se constitui em meio a estas relações sociais. Para reconstruir este vínculo de relações sociais e culturais me apoio sobre a seguinte afirmação de Lahire (1997):

Só podemos compreender os resultados e os comportamentos escolares da criança se reconstruirmos a rede de interdependências familiares através da qual ela constitui seus esquemas de percepção, de julgamento, de avaliação, e a maneira pela qual estes esquemas podem “reagir” quando “funcionam” em formas escolares de relações sociais. (LAHIRE, 1997, p.19).

A maneira pela qual a criança estabelece sua forma de percepção, julgamento e avaliação, dependerá de como se constituiu o seu esquema de relações. Isto não significa necessariamente que ela estabelecerá de forma “mecânica” as mesmas correspondências que os indivíduos de seu convívio, mas sim irá com base nessas relações construir suas próprias particularidades de comportamento. Todavia seus valores se constituirão com base no convívio das relações que são apresentadas a elas. (LAHIRE 1997, p.17).

Estas relações de convívio familiar e também social ocorrem em meio à organização da rede de interdependências que esta criança constitui, ora de poder, ora de dependência. De acordo com Lahire (1997, p.141), é em meio às relações de autoridade de “interdependência” entre indivíduos de um mesmo grupo familiar que se tecem as relações de domínio e de organização de si e do outro, estabelecendo limites de controle e sensibilidade.

Procurando compreender estas relações de interdependência, o autor se propõe a analisar as divergências e consonâncias entre as estruturas familiares e o universo escolar nos meios populares. Ou seja, quais traços, características familiares que, associados a outros tantos, podem refletir no sucesso ou fracasso escolar. Traços estes que são considerados como categorias da estrutura do comportamento e da personalidade da criança, que podem ser de maior ou menor relevância para a escola.

Lahire descreve este estudo em cinco categorias:

1) As formas familiares da cultura escrita - Procura salientar a importância que a família atribui para a escrita e o espaço que esta ocupa no convívio familiar.

2) Condições e disposições econômicas – Busca constatar a situação financeira de existência da família.

3) A ordem moral doméstica – Destaca que o universo doméstico, através da ordem material, afetiva e moral, pode desempenhar um papel considerável na atitude da criança na escola.

4) As formas de autoridade familiar – Identifica que tipo de relação de autoridade existe na família e na escola.

5) As formas familiares de investimento pedagógico - Procura compreender qual o valor que a família atribui para a escola já que "O investimento familiar pode tomar formas mais ou menos sistemáticas e mais ou menos adequadas para atingir o objetivo visado". (Lahire, 1997, p.29).

Por tanto estas categorias apontadas anteriormente, organizam e tecem relações de interdependência que a criança estabelece em suas práticas sociais e culturais, suas experiências, constatações e significações com o sistema da língua escrita podem orientá-la, ao longo de seu processo de alfabetização e letramento, das mais diversas formas, seja por sua organização familiar com a cultura escrita, sua condição ou disposição econômica.

O estudo de Lahire traz colaborações notáveis para a análise e discussão do fracasso escolar. O autor procura desmistificar certas afirmativas referentes ao fracasso escolar que fazem parte do senso comum, mas que, se compreendidas e contextualizadas nas relações que se estabelecem a partir do universo familiar e escolar do aluno, passam a exigir diferentes análises e interpretações. Destacarei aqui alguns destes aspectos.

Lahire nos mostra que não podemos compreender o fracasso e o sucesso escolar como categorias amplas onde é possível enquadrarmos alunos que apresentam determinadas características/traços isolados. Podemos, sim, buscar compreender estes fenômenos a partir das "combinações específicas de certos traços pertinentes gerais". (LAHIRE, 1997, p.30).

A compreensão do sucesso e fracasso escolar só pode dar-se a partir das inter-relações entre os vários elementos que compõem o fenômeno, a partir da sua construção de rede de interdependência.

Olhando para características isoladas, não seria possível analisar como esses traços funcionam combinados uns aos outros em sua teia de entrelaçamentos significativos. (LAHIRE, 1997, p.72).

Utilizando como referencial as definições de Lahire apresentarei aqui relatos de como as diferentes práticas sociais e culturais, vividas pelo menino Lucas fazem a mediação do seu processo de alfabetização e letramento.

PESQUISA

Ao longo da pesquisa foram coletados dados através de entrevistas com a família e o aluno, assim como observações dos sujeitos, afim de reconstituir as relações de interdependência que o aluno está constituindo ao longo de seu processo de alfabetização e letramento.

Para realizar a pesquisa, em primeiro lugar, buscou-se contato com a família, utilizando a agenda do aluno como forma de comunicação, mas não houve resposta. Ao procurar a família pessoalmente, a avó muito simpática aceitou o convite, Lucas que estava próximo no momento perguntou: Eu fiz alguma coisa errada? Expressando sua preocupação com o próprio desempenho escolar. A entrevista é realizada com avó paterna de Lucas, pois segundo ela o pai de Lucas estaria trabalhando e não poderia comparecer.

O aluno aqui descrito como Lucas mora com sua avó e uma irmã de nove anos por parte de mãe, que estuda na mesma escola. A avó não soube informar com certeza, mas acredita que a irmã de Lucas está no 4^a ou 6^a ano do ensino fundamental, Lucas também tem uma irmã de quatro meses por parte de pai. O aluno mora nos arredores da escola desde que nasceu. Sua mãe o visita algumas vezes durante o mês, mas não há um dia estipulado, a família vive em uma situação financeira modesta, a avó afirma que muitas vezes Lucas pede as coisas que as outras crianças têm, mas ela não tem como dar, explica que como ajuda a criar vários netos, ela combina que cada ano um comemora sua festa de aniversário, um ano Lucas ganha, no outro ano sua irmã: “Eles já sabi do combinado”, avó fala.

As condições e disposições econômicas vivenciadas pela família retratam o contexto familiar em que Lucas está inserido, suas dificuldades e significações de diferentes aspectos. Contextualizando este ponto me remeto a um dia em especial, o

dia do “Halloween”, em que Lucas chegou à escola vestido com uma “capa” um pano vermelho amarrado com uma fita, estava radiante com sua fantasia, na hora do recreio um colega de Lucas o puxou e acabou rasgando a fita que prendia sua capa, Lucas chorou desesperadamente, pois sua fantasia havia sido estragado, só se acalmou quando na ocasião expliquei para ele, que só descosturou a fita e sua avó poderia costurar para ele. Da mesma forma Lucas demonstra um cuidado todo especial com seu material, dificilmente perde um lápis ou borracha na sala. Seu comportamento demonstra a valorização e a importância da disposição econômica em que está inserido. Conforme Lahire (1997, p.24) esta não é a única receita para o sucesso escolar, a certeza de condições e disposições favoráveis não são suficientes para o êxito escolar, uma vez que existem diversas formas de investimento familiar.

PERFIL FAMILIAR

O perfil familiar aqui descrito apresenta uma configuração familiar um tanto quanto diversificada e facilmente encontrada em diversos contextos culturais, que não descreve o perfil familiar como um todo, mas é apenas uma das verdades sobre ele. Conforme Lahire (1997, p.207) adverte, as convicções globalizantes avistam em cada grupo, um singular universo coesivo, único e homogêneo, desconsiderando as diversidades de condição, de direção, e de interesse que determinam os múltiplos elementos da disposição familiar.

A avó de Lucas mostra-se muito afetuosa, tem cinquenta e cinco anos de idade, só freqüentou a escola durante um ano, acredita que seria a 1ª série, menciona que na sua época era tudo mais difícil. Declara que ela é quem passa o maior tempo com Lucas, mas também cuida de outros três netos e todos os afazeres da casa. Alega que não tem muito tempo para auxiliá-lo, nem consegue acompanhar todas as atividades desenvolvidas por ele, costuma verificar a agenda do aluno apenas algumas vezes durante a semana, o que explica a falta de retorno aos bilhetes enviados. Olha as atividades apenas quando o aluno mostra. Quando Lucas precisa de auxílio no tema, espera o pai ou uma tia que também mora próximo para auxiliá-lo.

Os pais de Lucas são divorciados e ambos já constituíram outras famílias, a mãe não concluiu o ensino fundamental e trabalha em um super mercado da região pesando alimentos. O pai tem trinta e dois anos de idade, possui o ensino médio. A avó

relata que o pai de Lucas parou os estudos por diversas vezes, e só conseguiu completar com aproximadamente vinte cinco anos de idade. O pai mora no mesmo pátio que Lucas, mas em outra casa, com outra família. Segundo a avó eles moram em casas separadas, mas estão todos juntos, ele trabalha para a CEE como leiturista, sai muito cedo e volta muito tarde. A senhora salienta durante a entrevista que todos seus filhos estudaram, podem ter parado no caminho, mas depois todos terminaram.

Lucas é descrito pela avó como um menino carinhoso, inteligente e muito “arteiro” (uma criança que brinca o tempo todo). Não é um aluno estudioso, não costuma pegar os cadernos em casa, e quando ela pergunta se ele tem tema, Lucas responde que sim, mas sempre quer deixar para fazer mais tarde. Quando questionada sobre como está o desempenho do menino na escola, a mesma declara estar muito feliz, pelo desempenho que ele vem apresentando. Para melhor elucidar esta fala irei transcrever um trecho da entrevista²:

Pesquisadora – A Senhora já percebeu o Lucas lendo, escrevendo em casa?

Avó - Pois eu to admirada, assim sabi que agente convive com ele mai não... eu to, eu to achando ele assim tão...Como é que eu vo dize... Bem esperto assim pra idade, não sei, ele ta lendo assim. Ele olha pras coisa e ta lendo eu fico vendo tal, eu to gostando dele.

Pesquisadora - O que a Senhora já percebeu ele lendo?

Avó - Algum tipo de papel assim sabe, ele pega um... qualquer papel, qualquer coisa assim ele tenta lê e ele conseguiu sabi, coisa piqueninha sabi.

Pesquisadora - Sim.

Avó - Mas agente já fica. Meu Deus o Lucas com sete anos lendo sabe, em tão eu acho que ele ta indo bem. To vendo ele lendo. Ai eu lembro. O pai dele disse pra ele assim: - Tu tem que le pra depois tu sabe, o que tu ta...pra escreve né. Ai é claro que ele se atrapalha ainda, mas eu to admirada assim sabe eu to feliz da vida, que deles lendo assim com tão pouca idade né. Feliz mesmo, feliz mesmo sabe! Eu sei que ele é bem inteligente ele é super inteligente. Ele é uma criança que se tu explica as coisa pra ele, ele entende sabe é uma criança muito carinhosa.

Sua declaração expõe a alegria de acompanhar o aprendizado de Lucas, mesmo que não se esperasse o seu desenvolvimento tão rapidamente, declara toda a sua satisfação por contemplar os avanços de Lucas. Também em sua fala é possível perceber a importância significativa do pai de Lucas, estimulando-o e auxiliando-o. Mesmo que não esteja sempre presente, o pai parece exercer um papel expressivo no desenvolvimento e nas relações que Lucas estabelece no seu cotidiano.

2 Transcrição de um trecho da fala da avó de Lucas, durante a entrevista.

Percebo nesta Família a autoridade familiar de forma compartilhada, quem passa o maior tempo com Lucas é a avó, que o orienta e o auxilia diariamente, porém o que vai além de suas limitações a avó delega para o pai de Lucas que exerce também sua autoridade, mesmo que muitas vezes, à distância.

FORMAS FAMILIARES DE CULTURA ESCRITA

Investigando as práticas domésticas de leitura e escrita da família, dentro do seu contexto social e cultural, a avó relata que pouco exerce hábitos de leitura e escrita, nem ela, nem seus filhos têm o hábito de ler jornal, nem costuma escrever listas ou bilhetes, segundo ela “guarda tudo na cabeça”. Acredito que não tenha desenvolvido muitas habilidades para escrita, pois ao preencher o seu nome no termo da pesquisa, escreve com cuidado e certa dificuldade. Menciona ter em sua casa fotos de todos da família, mas não costuma organizá-las. Os únicos portadores escritos que utiliza é o calendário porque acha importante ensinar para os netos os dias da semana, e um livro de receitas, no qual os seus netos não têm acesso.

Analisando o contexto familiar de Lucas, é possível detectar pequenas práticas de leitura e escrita, pois embora a família não exerça hábitos notáveis de análise da cultura escrita em seu cotidiano, Lucas percebe e compreende simples situações no seu convívio familiar, sabendo que avó guarda com cuidado seu caderno de receitas, entende que através da leitura ela consegue desenvolver sua prática culinária. Também em sua declaração a avó menciona que seus netos têm muita dificuldade para gravar os dias da semana, mostrando que tenta contribuir de certa forma para orientação e organização do tempo e espaço, no período que fica com seus netos.

Com base no relato da a avó observo a importância das relações familiares com a cultura escrita, considerando o letramento e evidenciando as práticas de leitura e da escrita no cotidiano familiar. Conforme Lahire salienta. “A familiaridade com a leitura, particularmente, pode conduzir a práticas voltadas para a criança, de grande importância para o “sucesso” escolar”. (LAHIRE, 1997, p.20). Também em sua caracterização o autor adverte para a importância de uma experiência positiva de atos de leitura, segundo o sociólogo, não basta apenas exercer a cultura escrita é

necessário que esses momentos se tornem prazerosos e compatíveis com o universo escolar.

O ESPAÇO ESCOLAR

O espaço escolar é de vital importância para o desenvolvimento de Lucas, onde é possível perceber que ele encontrou um ambiente seguro e estável capaz de instigar ao conhecimento. De acordo com a avó, Lucas teve sua primeira experiência escolar aos cinco anos de idade no jardim, evidenciando uma adaptação tranquila, porque ele gostou muito da professora. Acredita que o mais importante, no processo escolar é o aluno se identificar com a professora. Em sua declaração ela remete ao “professor como autoridade” que desenvolve empatia em sala de aula, identificando-se com o aluno compreendendo seus interesses, motivações, limitações, mas também demonstrando controle sobre ele. Como Lahire (1997, p.25) afirma em sua publicação, uma porção das camadas populares concede amplo valor ao “bom comportamento” e a aceitação à “autoridade do professor”. Como possuem limitações para auxiliar os filhos em determinadas tarefas escolares, procuram orientá-los a obedecer à autoridade escolar, procedendo corretamente, concordando fazer o que lhe é solicitado.

Desta forma a família ordena sua organização moral doméstica, estabelecendo e constituindo suas próprias estratégias de auxílio para superar dificuldades. Contudo a família pode estabelecer diferentes formas de acompanhamento e auxílio ao aluno, de acordo com Lahire “Através de uma presença constante, um apoio moral ou afetivo estável a todo instante, a família pode acompanhar a escolaridade da criança de alguma forma.” (Lahire, 1997, p.26). Este apoio que o autor descreve pode ser transmitido de inúmeras formas seja por intermédio de estímulos, comprometimentos ou por transmissão de valores e práticas culturais, determinando a sua configuração familiar.

Na escola observo Lucas, como um aluno educado, esforçado, caprichoso em suas tarefas, mas que nem sempre apresenta higiene adequada. Está desenvolvendo as habilidades necessárias para a compreensão da leitura e da escrita sem dificuldades. Buscando referências sobre o aluno, realizei uma entrevista com a sua professora do ano anterior, que relatou que Lucas não era muito dedicado no início, mas no decorrer do ano, passou a se interessar mais pelas atividades, o que nos

leva a refletir que só conseguiu demonstrar avanços no ambiente escolar quando estabeleceu um vínculo com a sua professora.

Neste ano Lucas faz parte da turma do 1º ano ao qual eu leciono, em minhas observações ele destaca-se em muitos aspectos que me levaram a organização desta pesquisa, dentre eles aponto seu interesse e curiosidade por todos os materiais escritos, diversos portadores de texto Lucas adora retirar livros do “cantinho da leitura” à disposição na sala de aula. Mostra curiosidade sobre tudo que está escrito na sala, certo dia ele me questionou por que estava escrito na janela a palavra “anela” e o que significava, pois o “j”, a letra inicial da palavra “janela” tinha desbotado com o sol, e Lucas logo pensou se tratar de uma palavra nova a qual ele não sabia o significado. Lucas é assim em todos os momentos da aula, mesmo na hora do brinquedo, enquanto seus colegas brincam, ele escolhe um brinquedo também, mas em nenhum instante deixa de me observar (sua professora) organizando algum material escrito, ou mesmo escrevendo. Lucas brinca um pouco pela sala e logo passa perto da mesa para tentar descobrir o que estou escrevendo, chega a parar para ler até mesmo de cabeça para baixo, faz a leitura oral, com um tom de voz baixo, demonstrando seu interesse pelas práticas do letramento, assim como a importância que esta prática possui em seu cotidiano social e cultural.

Mostra-se um menino alegre, afetivo e responsável, demonstra facilidade de relacionamento e dedicação em todas as atividades realizadas na escola. Ele se destaca por sua maturidade, compreendendo o tempo e o espaço da escola de forma muito tranqüila, aceita as combinações propostas à turma, sabendo esperar sua vez para falar. Consegue socializar, trabalhar e interagir em grupo participando e respeitando a opinião de seus colegas, o que não impede de deixar bem claro suas preferências e pedi-las em momentos oportunos, como pedir para recontar uma história, realizar dobraduras, entre outras atividades.

Tal comprometimento nem sempre se estende para além dos muros da escola, pois Lucas apresenta dificuldade para realizar as atividades extra-escolares, como: pesquisas, temas de casa e organização dos seus próprios materiais, por diversas vezes acaba esquecendo em casa seu estojo, caderno, lápis entre outros materiais. Esta atitude parece compreensível, tendo em vista que pouco convive com o pai, e sua avó não olha sua agenda regularmente, Lucas acaba muitas vezes

executando as tarefas apenas quando consegue realizá-las sem supervisão, exercitando sua própria autonomia.

Ainda que a família de Lucas não o acompanhe constantemente, ela acaba por desenvolver outras formas de apoio e incentivo, seja de forma afetiva, ou valorização do tempo escolar, como avó de Lucas cita em sua fala com muita satisfação, “todos meus filhos freqüentaram a escola”. Através da educação que recebe Lucas compreende sua organização familiar. Como Lahire assegura, a configuração do perfil familiar, regras e combinações “[...] produzem estruturas cognitivas ordenadas capazes de pôr ordem, gerir, organizar os pensamentos.” (LAHIRE,1997,p.26). Assim, de acordo com a ordenação moral doméstica e social em que está inserido, Lucas desenvolve seu entendimento de tempo espaço convivência e respeito ao outro.

Com base na afirmação da avó de Lucas, percebo que mesmo em meio as adversidades encontradas pela família, a avó salienta a importância da escola e sua valorização das práticas escolares. Conforme Lahire (1997, p.29) ressalta, a eficácia sobre a escolaridade de um sujeito pode diversificar de acordo com a condição de estimular o indivíduo a ter êxito ou a aprender para obter êxito, dependendo da habilidade familiar de auxiliar o sujeito a alcançar as metas que são definidas.

As pessoas com maior capital cultural como o pai e a tia, que poderiam auxiliar Lucas com maior facilidade, quase nunca estão disponíveis. Avó acaba por configurar as relações de ordem e também promover a autonomia de Lucas, exercendo um controle moral, afetivo e cultural em todos instantes, orientando como Lucas deve se portar na escola, na família, seguindo as orientações que são determinadas a ele. Sobre tudo possibilitando uma integração simbólica no universo familiar e da experiência escolar de Lucas. Este capital tem sido transmitido para Lucas através da relação que a família estabelece, transferindo seus entendimentos culturais que estão diretamente ligados a sua configuração familiar, social e cultural.

Em relação às características familiares, temos primeiro, uma avó alfabetizada funcionalmente, um pai que conclui o 2ª grau (embora tardiamente). A família não se mostra a par de tudo o que acontece com Lucas e acaba por exercer poucas práticas domésticas da língua escrita. Entretanto a avó estabelece certa “respeitabilidade” familiar que se concentra no aspecto moral, orientando Lucas a aceitar a autoridade escolar: comportando-se corretamente, escutando, prestando

atenção. Neste caso a interferência benéfica da família, do ponto de vista do seu desempenho escolar, está voltada a domínios mais amplos e não somente escolares. Como atesta Lahire “O apoio moral, afetivo, simbólico se mostra tanto mais importante quanto sejam pequenos os investimentos familiares”... (LAHIRE, 1997, p.172).

Em meio à trama de relações de interdependência que Lucas vem estabelecendo e desenvolvendo, primeiramente, procurei pontuar nesta pesquisa o contexto social e cultural em que Lucas está inserido, assim como seus avanços durante o processo de aquisição da leitura e da escrita. Por fim, quero destacar um ponto fundamental nesta teia de relações, que são suas experiências positivas no ambiente escolar.

Esta atmosfera forneceu a Lucas um ambiente rico em estímulo com condições adequadas de apropriação da língua escrita. Ele está compreendendo o sistema de escrita alfabético, no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, sem demonstrar dificuldade. Lucas lê com facilidade diferentes portadores de texto, superando às expectativas de sua família. Durante sua curta trajetória escolar, Lucas identificou-se com o cotidiano escolar, participando com entusiasmo das diversas situações. Quando questionado sobre o que acha da escola, Lucas responde “muito bom, porque faz muitos trabalhos”, menciona que para ele ser “inteligente” é quem sabe ler e escrever, então, ele se descreve também como um menino inteligente, pois já consegue ler e escrever. Em sua declaração deixa claro estar ciente de seus próprios avanços e o quanto estes são significativos para ele.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Analisando os aspectos que estão levando Lucas ao sucesso em sua alfabetização, primeiramente, destaco sua motivação e interesse particular de “tornar-se inteligente” como ele mesmo relatou, observo que este interesse também está ligado a ordem moral, que a família exerce, durante suas práticas sociais e culturais. Posteriormente me remeto a ponderar o contexto escolar em que Lucas está inserido, sendo este capaz de fomentar sua apropriação do sistema de escrita alfabético, considerando sua capacidade como sujeito participante do processo de alfabetização, agregando sentido e valores significativos as suas práticas sociais e culturais.

Possivelmente em outro contexto Lucas poderia ser classificado como um “mau” aluno, pela sua falha nas tarefas extraclasse, falta de comprometimento familiar, situação econômica modesta, sua dificuldade para demonstrar higiene adequada. Porém, sua rede de interdependência um tanto quanto singular está levando Lucas ao êxito em seu processo de alfabetização, constatando que os efeitos das relações sociais, seja no âmbito escolar ou familiar, são capazes de assistir o indivíduo no seu sucesso escolar.

Contudo quero salientar a grande, imensa responsabilidade que a escola conserva, de assegurar a Lucas durante todo seu processo escolar um ambiente estimulante repleto de encorajamento e incentivo para novos desafios, procurando em meio a todas as adversidades que ele enfrenta, exercer um olhar diferenciado, reconhecendo e respeitando suas peculiaridades , nos diversos contextos em que Lucas vive.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo. 41ª ed. Cortez. 2001.

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em Processo*. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. *Cultura escrita e educação*. Porto Alegre: Artemed, 2002

GOMES, Maria de Fátima Cardoso; SENA, Maria das Graças de Castro (Orgs.). *Dificuldades de aprendizagem na alfabetização*, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KLEIMAN, Angela B. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever*. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso Escolar nos Meios Populares As razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. *Práticas pedagógicas em Alfabetização: espaço, tempo e corporeidade*. Erechim: Edelbra, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento: Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autentica, 1998